

DEPOSITO LEGAL
-0. ABR. 1976

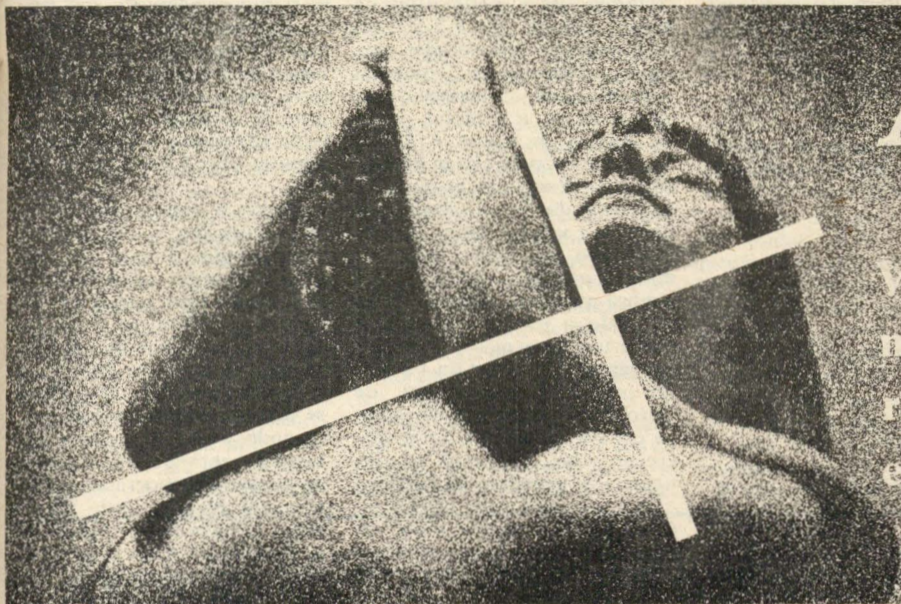


Ano I n.º 42
De 13 a 19 de Fevereiro
Preço 7\$50

Semanario
Sai às sextas-feiras

Director
Joaquim Letria

o jornal



A Igreja e o sexo

Vaticano condena
masturbação
relações pré-conjugais
e homossexualismo

pág. 25

Aborto na TV

Polémica nacional

pág. 24

Entrevista

Freitas do Amaral: "O PPD não é de esquerda"

págs. 8/9



Diogo Freitas do Amaral
«Spinola não deu, até ao momento em que se afastou, qualquer prova de que não fosse um democrata»

Joaquim Lobo

Outra crónica de Artur Portela Filho

pág. 14

A Pide por dentro

Só os chefes estão "arrumados"

págs. 16/17

Jean Daniel:

uma carta sobre Otelo

pág. 3



Melo Antunes/Areilza

O escudo voltará a ter cotação em Espanha

pág. 4

Cardoso Pires:

"Agora é tudo futuro"

pág. 29

Literatura

José Cardoso Pires: "Agora conjugamos tudo em termos de futuro"

Quando, num balanço definitivo — transitoriamente definitivo, como tudo em arte — se puder estabelecer quem foram os maiores da literatura de língua portuguesa nossa contemporânea entre eles estará certamente este tipo entre seco e risinho, tão nítido e decidido na fala, na bebida ou na política como denso e depurado na escrita inconfundível. José Cardoso Pires se chama e julgo não ser ousado pôr na sua boca as palavras que ele põe na boca de um personagem de «O Delfim»: fim».

«... Respondo-lhe que gosto de todos os livros que escrevi, e de maneira e por razões diferentes; que em todos falta qualquer rasgo do acaso para os tornar definitivos, acabados, e daí nunca poder abandoná-los, gostando ainda mais deles por isso. Depois — explico — cada romance tem as suas recordações à margem das aventuras que conta, cada um vai crescendo com o tempo corrigindo-se com o corpo e a voz do homem que o escreveu. Isso, as memórias ligadas a uma obra e a certeza de a trazeremos continuamente conosco, suspensa, inacabada, é que tornam feliz a arte de escrever».

Isso, também — acrescentamos — uma das razões, decerto, para que Cardoso Pires publique cada vez menos e desde há oito anos, após a saída de «O Delfim» (o romance notável justamente considerado quer em Portugal quer nos diversos países em que já está traduzida a sua obra mais importante) não lança livro novo, tendo mesmo deixado de se falar do que tinha na forja sobre a «indústria da morte». Recorde-se que os seus volumes anteriores datam de 1946 («Os Caminheiros e outros contos»), 52 («Histórias de amor»), 58 («O anjo ancorado») 60 («O render dos heróis» e «Cartilha de marialva»), 63 («Jogos de azar») e 64 («O Hóspede de Job»).

Um livro novo «Eu, por exemplo»

«Um escritor de acabamentos», como notou Aquilino — e, diz-me JCP «nem sei se isso é elogio se maldição». Com todos os seus livros esgotados há mais de um ano e sem que lhes autorizasse a reedição («a razão é que eu tencionava corrigi-los e ia adiando»), agora, finalmente, acabam de ser lançadas a 5.ª edição de «O Hóspede de Job» e a 6.ª «Delfim». Por outro lado, a sua recente saída do «Diário de Lisboa», onde desempenhou as funções de director-adjunto, com o consequente regresso à literatura, faz-nos esperar o possível aparecimento de um livro que, revela-nos, tem «provisoriamente pronto — memórias, notas, críticas, miúçalhas — com o título (provisório também) de 'Eu por exemplo.'»

Tudo isto, e os problemas decorrentes das ligações dos escritores com o processo revolucionário, que sabemos interessarem muito ao José Cardoso Pires, nos impunha uma conversa com este nosso amigo. E, avesso a entrevistas, mas nosso amigo — de José Carlos Vasconcelos, que escreve estas linhas, e de «O Jornal», que acompanha desde o início e para cuja primeira edição em grande, os «cartoons» de João Abel Manta, escreveu o prefácio, sua última prosa assinada — respondeu às perguntas que lhe fizemos. Como segue.

P. — Desde o 25 de Abril

não aparecem novas obras dos nossos romancistas e romancistas mais destacados. Também não se revelaram novos talentos. No seu caso qual a razão desse silêncio?

JCP — Não há uma razão, há várias. Em primeiro lugar a paixão, o empenhamento político. Estávamos (e eu, apesar de tudo insisto em que estamos) a abrir um dos capítulos maiores da nossa História, vivíamos um momento mais que nosso, universal — e a hora de contar que esperasse, tinha tempo. Nisso também contou, e muito a velocidade do nosso processo de libertação. A gente adormecia, pode dizer-se, em economia burguesa e quando acordava estava nacionalizado... Verdade: a partir do 25 de Abril passámos a viver mais numa hora do que num mês de fascismo. E essa aceleração, essa política à pressão, é fatal e indispensável, mas impede o isolamento interior necessário à criação literária. Esta será a primeira razão, penso eu.

Outra consequência do empenhamento é que vivemos em estado de suspensão, digamos assim, em relação ao futuro. Dantes, no tempo do fascismo, os escritores preocupavam-se fundamentalmente em destruir o presente e isso chegava porque o fascismo não tinha futuro. Agora não. Agora estamos inquietos com as ameaças reaccionárias de toda a hora e conjugamos tudo em termos de futuro.

Isto é também uma causa de instabilidade que nos priva da tal solidão interior de que eu falei. Mas é mais — e aqui entra a segunda razão de fundo. Como vivemos no imediato e no cerne do dia a dia, não dispomos da capacidade de criar um distanciamento em relação ao fenómeno vivido de forma a podermos descrevê-lo com perspectiva. Só que esse distanciamento é fundamental para a liberdade de criar. E ele que permite a inventiva, a memória e as associações que tornam mais significativo o facto vivido.

«Ou temos futuro ou nos cai o passado em cima»

P. — O empenhamento político não justifica tudo...

JCP — O empenhamento não justifica tudo, está visto. Mas lá que determina, é uma verdade.

P. — Em que sentido?

JCP — No sentido das apetências individuais até. Por exemplo, em todos nós a Revolução provocou crises de vária ordem, de acordo? Em todos nós as contradições inevitáveis do avanço revolucionário puseram a nu certas contradições pessoais que nos rupeenderam e nos fazem meditar. Pois também esse estado de choque conta. E outra perturbação a considerar — no silêncio da criação literária.

P. — Mas, como vê então, agora, o escritor numa democracia?

JCP — Repare, se no fascismo o escritor era um «animal à margem», eu acho que em autêntica democracia ele deve ser «o animal salutarmente incómodo», o homem que antevê os perigos colectivos a maior distância. Sem dúvida que sim. Até porque a arte é uma busca de perfeição...

P. — ... Malraux disse que a arte é o permanente inacabado...

JCP — Claro. Mas se a arte é realmente uma busca de perfeição dificilmente pode ser apologetica — e aqui estamos nou-



José Cardoso Pires Um «animal salutarmente incómodo»

tra encruzilhada com que depara o escritor deste nosso momento. Ele agora tem toda a liberdade e já não é o «animal à margem». Pelo contrário, sente-se de tal modo comprometido com o país, tão integrado nesse destino, que receia ser negativo ou triunfalista. Esta preocupação torna-se ou pode tornar-se obsessiva mas-seja como for representa um entrave. Tanto mais que estamos num momento em que ou temos futuro ou nos cai o passado em cima.

P. — O 1.º Congresso dos Escritores Portugueses, realizado o ano passado, apresentou vários trabalhos sobre a integração do escritor no processo revolucionário...

JCP — É muito fácil dizer que os escritores, isto e aquilo, agora é que sim, agora é que podem e deviam fazer... É muito fácil. O pior é que a literatura não se faz por decretos e as revoluções não têm calendário pa-

ra a Primavera. A mim parece-me que nenhum de nós, romancista ou dramaturgo, nenhum ficcionista, em suma, aproveitou os novos meios e os novos públicos que o 25 de Abril libertou. O folhetim da televisão, por exemplo. A fábrica. O quartel e as escolas. O teatro de rua. Só que isso exige formas de mobilização concretas e aí sim, aí é que o Congresso dos Escritores devia ter incidido.

Jornalismo:

«Uma forma de estar no processo transformador»

P. — Falando agora da sua experiência jornalística. Como apareceu director-adjunto do «Diário de Lisboa»?

JCP — O convite veio, como se costuma dizer, no ponto exacto. Eu sabia que tão cedo não iria retomar os meus livros. Escritor de mão adiada ou fosse o que fosse o certo é que não recomeria tão cedo, e o jornalismo era um trabalho colectivo e constante, uma forma de estar no processo transformador. Para mim foi importantíssimo porque um diário um dos centros nervosos onde melhor se sente pulsar de um país.

P. — Teve muitos problemas no «DL»?

JCP — Claro que tive problemas, todos os jornais os têm. Mas a mais no clima de politização que tivemos de enfrentar, entre a reivindicação e a hossa triunfalista, e pressionados por todo o lado! Nenhum dos governos provisórios compreendeu isto, nenhum desde o de Spínola. Pelo contrário, foram os governantes que em tantos avisos contra o alarmismo foram os primeiros a alamar a opinião pública contra a Imprensa. Uma boa parte da agressividade das massas convergiu sobre os jornais e, está claro, os partidos aproveitaram. Utilizaram rapidamente esse aval dos governantes para bombardearem o arquipélago das redacções numa ofensiva de toma-


da da Informação.

P. — Porque deixou o jornal e o jornalismo?

JCP — Os primeiros meses na direcção do «DL» deixaram-me cicatrizados. Mas foram úteis porque para quem é de prosa lenta como eu, escrever em cima da hora traz o enriquecimento da espontaneidade. Além disso o jornalismo sempre me seduziu. É uma maneira única de viver o que se escreve dia a dia, a única em que todos os dias se morre e se renasce. Como a notícia, afinal, que nasce e logo morre. Só que é um trabalho terrivelmente desgastante, sabe isso muitíssimo bem, e eu ao cabo destes dezanove meses estava esgotado. Esgotado e tentado a recomer, a renascer, como acontece diariamente com os jornalistas. Foi justamente por isso que deixei o «DL». Por cansaço e por me sentir cada vez menos separável dele.

Muitas outras perguntas, claro, eu, JCV, tinha para fazer a JCP, este homem de 50 anos feitos (que ninguém diria, apesar de se confessar esgotado), que vemos terminar a sua experiência de jornalistas com a tristeza de quem perde um companheiro que se estima, mas com a alegria de o saber regressado à literatura e com toda a expectativa pelas suas «coisas novas». Muitas outras perguntas tinha para lhe fazer, se não recordasse aquelas suas palavras, por interposta figura, no já citado trecho de «O Delfim»:

«Vamos deixar em paz as minhas prosas e o prazer vigilante que as acompanha pela vida fora, lá porque as considero suspensas, inacabadas e sempre melhoráveis. Nenhum escritor gosta de falar do que escreveu a não ser em ocasiões muito, mas mesmo muito, especiais. Nenhum — friso bem — faz livros para complicar a vida».



LEIA O JORNAL

«NOVIDADES DE MOSCOVO» N.º 4

EM FRANCÊS • EM ESPANHOL


Com um impressionante documento sobre o bem-estar dos povos soviéticos — em separata com 8 folhas.

- ★ Análises
- ★ Dados estatísticos
- ★ Depoimentos
- ★ Documentação

XXV CONGRESSO DO PCUS

Toda a documentação oficial nos números 9-10 e 11

Também em Portugal, a partir de Fevereiro, estará à venda esta conceituada revista política



Estas duas edições soviéticas são distribuídas e vendidas através de:


CDL — Central Distribuidora Livreira
Rua Pedro Nunes, 9-A — Lisboa

Livraria Bertrand
Rua Garrett, 73 — Lisboa

Publicações Europa-América
Av. Marquês de Tomar, 1-B — Lisboa


IMPERIALISMO E ACUMULAÇÃO DE CAPITAL
ROSA LUXEMBURGO
NIKOLAI BUKHARINE

EDIÇÕES 70
PREÇO: 140\$00



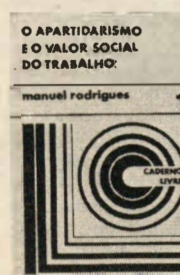
ECONOMIA NACIONAL E ECONOMIA POLÍTICA
K. MARX E F. ENGELS

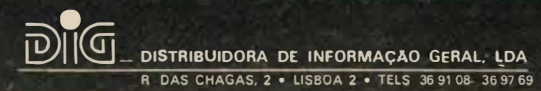
EDIÇÕES RÉS
PREÇO: 35\$00



O APARTIDARISMO E O VALOR SOCIAL DO TRABALHO
MANUEL RODRIGUES

EDIÇÕES COPSA
PREÇO: 20\$00





R. DAS CHAGAS, 2 • LISBOA 2 • TELS. 36 91 08 - 36 97 69